INFORMANTES

WAIMIRI-ATROARI

Sumário

Sumário 3
 # Informante Baré Bornaldo Waimiri # 5
 # Informante Dawuna Elzo Atroari # 27
Informante Temehe Tomás Waimiri # 39
 # Informante Wamé Viana Atroari # 49
 # Informante Wanaby Raimundo Atroari # 61
 # Informante Pa'rany Tomoso Atroarí # 69
 # Circo de Horrores – 27.02.2019 # 77

PODER JUDICIÁRIO
3ª VARA DA JUSTIÇA FEDERAL NO AMAZONAS

AÇÃO CIVIL PÚBLICA N° 1001605-06.2017.4.01.3200
Requerente: Ministério Público Federal e outro
Requerido: União e outros

TERMO DE AUDIÊNCIA

Aos vinte e sete (27) dias do mês de fevereiro de dois mil e dezenove [...]

 # Informante Baré Bornaldo Waimiri #

[...] Juíza Raffaela Cássia de Souza:

Muito obrigado então Sr. Marcelo e Sr. Joanico. Eu [...] Vou pedir para entrar o primeiro informante, por favor. Ele fala a língua portuguesa? Não fala nada, nada. Traduza para ele, por favor, que estou perguntando se nome dele é Baré Bornaldo Waimiri. [...]

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Então aconteceu. A gente tava trabalhando na nossa roça e derrubando, plantando, limpando e aí chegou essa ameaça e aí a população começou a reduzir, foi um ataque de veneno de homem branco.

Ministério Público:

Mas era um dia de trabalho normal, que, que, como é que tava a aldeia nesse dia, tinha muita gente?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Era dia de trabalho, trabalho assim normal, eles não esperavam que chegasse a ameaça então era dia de trabalho.

Ministério Público:

Mas tinha muita gente na aldeia?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Era muita gente nessa aldeia.

Ministério Público:

Mas ia haver alguma festa nesse dia ou era dia normal do trabalho ia ter Marubá ([1]) também, se sim o que é o Marubá? ([2])

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Era dia de festa. Dia normal, dia a dia da aldeia.

Ministério Público:

Era dia de Marubá ou não?

---

[1] O Marybá (pronuncia-se Marubá) é uma festa, com a participação de convidados de outras aldeias, em que se promove o "*rito de passagem*", casamentos e outros eventos e que tem a duração de três dias a uma semana. (Hiram Reis)

[2] A "*curiosa*" insistência do promotor de caracterizar de que não era simplesmente "*um dia de trabalho normal*", como Bornaldo categoricamente afirmava, e sim de Marubá nos leva a crer que seu pupilo tinha esquecido o "*script*" anteriormente combinado. O advogado deve sempre orientar as suas testemunhas para que elas relatem a verdade sobre os fatos, abstendo-se de induzi-las ou instiga-las a dar respostas que favoreçam nitidamente a sua argumentação como aqui fica peremptoriamente patente. (Hiram Reis)

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Era dia de Marubá. [...]

Ministério Público:

É..., muita gente morreu nesse ataque?

Baré Bornaldo Waimiri (Informante) – Parte II – Tempo decorrido - 13:26: ([3]) [...]

Ministério Público:

Essas pessoas tinham uniforme algum tipo de roupa específica?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Tem umas pessoas que chegou aí com a mesma farda ([4]) é essa farda que eles tinha naquele tempo.

Ministério Público:

Só para confirmar, este último ponto, é..., ele identificou também algumas pessoas por terra, durante o ataque, se ele se recorda se eram pessoas com uniformes, com fardas também durante o ataque ou se eram pessoas sem uniformes como eram essas pessoas?

---

[3] Aqui o Bornaldo, *que nada fala ou compreende da língua portuguesa (**???**), começa a responder ao promotor e este interrompe o informante abruptamente e determina que o tradutor lhe faça a pergunta. Muito, muito curioso, pois não?* (Hiram Reis)

[4] Mais um deslize na falaciosa narrativa de Bornaldo, estimulada pelo promotor. Nossa testemunha o Cel Av Renato Meirelles relata que o PARASAR (esquadrão de elite da FAB especializado em missões de busca e salvamento): desde o ano em que foi desencadeada a Operação de Resgate da Expedição Calleri o uniforme padrão usado pela FAB era *macacão de voo azul-marinho, um azul-escuro*. O uniforme camuflado para uso da tropa só foi adotado por volta da década de 80 e *os aeronavegantes não usavam macacão camuflado e aliás não usavam e não usam até hoje*. (Hiram Reis)

Ministério Público:

Só para voltar aqui, estes corpos que não foram queimados, ele mencionou que não conseguiu queimar todos, ele sabe para onde foram estes corpos? [...]

AGU:

Homens brancos, estavam de uniforme?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Tava de uniforme.

AGU:

Ele sabe dizer que uniforme é esse?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

É um uniforme que se usa hoje ([5]). [...]

Drª Regina Melo Cavalcanti:

Certo, É..., se ele acha que a construção da BR trouxe algum impacto positivo para a comunidade.

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Repita por favor.

Drª Regina Melo Cavalcanti:

Se a construção da BR trouxe também algum impacto positivo ([6]). [...]

---

[5] Mais uma vez a mentira é patente, naquela época o uniforme da tropa do EB era verde-oliva e não camuflado. (Hiram Reis)

[6] O tradutor insiste, mas Bornaldo parece não entender a pergunta. (Hiram Reis)

Drª Regina Melo Cavalcanti:

Se ele acha que a construção da BR só trouxe coisas ruins, ou também trouxe coisas boas?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Na construção só veio ameaça.

Drª Regina Melo Cavalcanti:

Eu ainda não compreendi bem a resposta, que houve ameaça ele já deixou bem claro, eu quero saber se desde a construção até hoje em dia inclusive, se há algum impacto positivo, se trouxe alguma coisa boa para a comunidade, se o contato com a sociedade de certa forma ajudou a comunidade?

Tradutor Tuwadja Joanico Waimiri:

Depois de tudo que aconteceu, depois destes acontecimentos, veio coisas boas além dos massacres e até hoje a gente vive em paz.

Drª Regina Melo Cavalcanti:

Sem mais Excelência, obrigada. [...]

Dr. André Petzhold Dias (AGU):

Como foi jogado este veneno, este suposto veneno?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Jogava assim em cima da maloca.

Dr. André Petzhold Dias (AGU):

Eu não perguntei onde, eu perguntei como? Por cima, alguém tem que fazer de alguma maneira.

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Ele não sabe dizer muito bem como, mas escutava barulho em cima da aldeia.

Dr. André Petzhold Dias (AGU):

Excelência, à época desse veneno jogado foi simultâneo ao ataque terrestre?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Depois que ele fazia isso vinha pessoas por terra. [...]

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

Com licença, morreu muita gente dos indígenas ou dos não indígenas?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Só os índios que morreram.

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

Então, no caso o senhor concorda que seria razoável que tivessem morrido também estes supostos atacantes? Porque teriam sido vítimas do veneno também? [...]

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

Vou me esforçar ao máximo, Excelência, obrigado. Não seria razoável que tivessem morrido estes atacantes junto com os indígenas, pois teriam sido também atacados pelo veneno?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Ele não sabe dizer se estas pessoas que atacou a aldeia dele não sabe dizer se eles morreram.

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

Então está difícil. Senhor Bornaldo, qual era a idade do senhor à época?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Nessa época ele era jovem, não sabe dizer a idade dele, porque naquele tempo não existia isso.

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

Criança, adolescente ou adulto? ([7])

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Adolescente. [...]

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

Excelência, eu também gostaria que ele descrevesse o uniforme. Ele mencionou pessoas de uniforme no depoimento dele. Eu queria saber exatamente como era esse uniforme?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

O uniforme que ele descreve que era todo pintado assim como se fosse uma folha assim.

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

Senhor Bornaldo, era comum o conflito com mateiros, posseiros, garimpeiros à época em que o senhor era criança?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Ele não chegou a ver isso, ele não saber dizer esse assunto. [...]

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

Sr. Bornaldo, eram comuns epidemias na população indígena naquela época? Como o sarampo, a gripe ou outras congêneres?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Antes da estrada não existia esse tipo de doença, nem esse sarampo, não existia.

---

[7] 16 anos. (Hiram Reis)

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

O senhor sabe dizer quais os sintomas dessas doenças?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Ele fala que essa sintoma de sarampo cansa a perna, dor no corpo, faz doer tudo ([8]).

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

Como se fosse um veneno?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Similar.

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

Só para finalizar excelência, senhor Bornaldo em relação ao que o senhor narrou, as pessoas que foram mortas na época, o senhor disse que teve algumas pessoas que foram, no caso, colocaram fogo nos corpos e outras enterraram, o senhor tem noção de quantas pessoas foram enterradas?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

As pessoas que ele relatou ele tá falando que não enterraram as pessoas ficaram lá mesmo porque não tinha ninguém para cuidar do corpo.

Dr. André Petzhold Dias (AGU):

O Dr. Matheus perguntou quantos.

Juíza Raffaela Cássia de Souza:

Pode fazer de novo. Dr. o senhor faça de novo.

---

[8] Os sintomas, na realidade, são febre, tosse, irritação nos olhos, coriza ou conjuntivite, perda de apetite, otite, pneumonia, encefalite e manchas brancas na parte interna das bochechas. (Hiram Reis)

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

Excelência, vamos passar para a próxima. Senhor Bornaldo, o senhor poderia descrever como era a relação do senhor e da população com o exército que se deu depois da construção da estrada? Se foi uma relação amigável, se eles ajudavam a comunidade, prestavam auxílio de saúde por exemplo auxiliando na realização de partos e outras coisas afins?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Vou repetir que ele não entendeu. Ele não trouxe ajuda de saúde naquele tempo.

Juíza Raffaela Cássia de Souza:

Naquele tempo?

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Não houve isso de ajudar no parto, não teve isso.

Dr. Matheus Belém Ferreira (AGU):

Nunca teve, nem depois da construção da estrada.

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Não ajudou ([9]).

Dr. André Petzhold Dias (AGU):

Excelência ainda voltando com relação ao revólver. Quantas pessoas ele viu de revólver?

---

[9] O apoio de saúde e criação de pequenos animais que proporcionamos aos WA. A esposa do Elza (o), por exemplo, permaneceu uma semana na sede da 1ª Companhia de Engenharia de Construção, até o parto. A vacinação foi realizada em todas as aldeias pelos meus médicos, mas o novo Judas Iscariotes macula a dignidade e honra de seu povo mentindo descaradamente. Na sua oitiva, mais adiante, o Wamé Viana contraria a patranha de Bornaldo. (Hiram Reis)

Tradutor Marcelo Ewepe Atroari:

Oque ele viu, ele conseguiu ver só quem entrou dentro da aldeia que eram duas pessoas. [...]

Baré Bornaldo Waimiri e tradutores

Este relato ficcional não relata absolutamente o respeito e o apreço que sempre tivemos pela população nativa daquela região.

Nas minhas inspeções ao trecho, eu visitava cada uma das aldeias localizadas ao longo da estrada e fazia um salutar comércio com as lideranças, trocando a farinha que eles produziam por gêneros diversos e pequenos animais que criávamos na Companhia e ensinando-lhes os procedimentos corretos que deveriam adotar para mantê-los.

Os Doutores Sampaio e Stehling, valorosos oficiais médicos R/2 aceitaram de bom grado a incumbência de vacinar todos os WA da reserva, cuja área corresponde a um quarto do estado de Santa Catarina. Muitas vezes eles tinham que arrastar ou carregar nas costas a canoa, que os apoiava, através das pedras do Rio Abonari e do Rio Alalaú e afluentes para chegar às aldeias mais distantes.

Era um trabalho voluntário e eles não tinham nenhuma obrigação de fazê-lo. A vacinação intensiva dos WA iniciou-se com o Dr. Sampaio e não com o "*Programa WA*". Recebíamos atenciosamente, por diversas vezes, na sede da Companhia, os nativos para atendimento médico e odontológico.

O relacionamento era extremamente amigável e éramos muito bem recebidos nas Aldeias, que visitava frequentemente acompanhado de minha esposa Neiva, minhas filhas, Vanessa de um ano e meio e Danielle de três meses. Vejamos um relato do Dr. Sampaio.

Abonarí - Amazonas - Berço do Princípio de Saúde Coletiva de um médico Aspirante a Oficial.

Dr. Leônidas Sales Sampaio

Ao ser responsável médico pelos recursos humanos militares e civis contratados atuantes na manutenção da BR-174, estudei muito na enfermaria para elucidar o diagnóstico de diversas doenças que incidiam na comunidade. A malária incidia na comunidade branca e indígena da área. Entrei no Exército como amigo e tive que me tornar um militar de verdade, para acompanhar satisfatoriamente a rotina, com seu estatuto perfeito e na dependência de ser operado por seres humanos justos e honestos, como em qualquer organização social.

Com poucos pacientes a serem atendidos na enfermaria, comecei a achar que poderia levar saúde à população às margem da BR-174 e visitar regularmente os pelotões sediados na Estrada, além de atuar nas comunidades indígenas Waimiri-Atroari na reserva indígena sob a proteção da União. Após minha primeira visita foi constatada a indignação do funcionário da FUNAI Sr. Paulino, que consistia na ausência de atenção médica aos indígenas por mais de seis meses, que concorreram para a continuidade do acompanhamento médico aos indígenas, por todo o ano que passei no exército, e apesar do médico da FUNAI ser chamado por várias vezes para discutirmos saúde indígena, nunca compareceu nas aldeias. Isso motivou uma atenção médica e odontológica por parte do Exército sediado no Abonarí, até mesmos às localidades distantes e de difícil acesso no Rio Abonarí.

No Plano de Atenção Médica às comunidades da Estrada apresentado ao Capitão Eng Hiram Reis e Silva, a saúde indígena tomou vulto regular de atuação, com programa de vacinação estimulado, controle de endemias como a malária e doenças diarréicas operado nas comunidades indígenas, além de tratamento radical de processos infecciosos e contagiosos e patologias diversas de incidência na área indígena, levando a contrapeso a atenção odontológica preventiva e curativa. Toda essa atuação, de certeza ajudou a inverter os índices negativos de crescimento populacional do povo Waimiri-Atroarí e melhorar a saúde da população indígena e ao longo dessa rodovia federal. A atenção médica aos militares e civis da região não foi interrompida, haja vista, a operação de ações na área indígena ser levada a termo nas sextas e sábados. Não havia feriado e domingos no acampamento militar do Abonarí, apenas "*arejamento*" mensal. (Fonte: Leônidas Sales Sampaio)

Parece que na falaciosa narrativa atual isto também não foi considerado pelas lideranças WA como um tipo de apoio do Exército Brasileiro à Comunidade.

Jornal do Comércio, n° 33.156 – Manaus, AM
Sábado, 07.01.1984

Euclydes Inaugurou a Escola Indígena
com o Nome de seu Pai

O General Euclydes de Oliveira de Oliveira Figueiredo Filho, Comandante da Escola Superior de Guerra, inaugurou, ontem, às 12h00, o Centro Educacional "*Euclydes de Oliveira Figueiredo*", localizado na reserva dos índios Waimiri-Atroari, no quilômetro 270, da BR-174 [Manaus-Caracaraí]. O Centro Educacional é fruto de um pedido pessoal do chefe indígena Viana Iwandrera ao General Euclydes, quando este visitou aquela comunidade ainda como comandante do Comando Militar da Amazônia – CMA.

O Comandante da ESG, acompanhado do Comandante da Base Aérea de Manaus, Cel Acir Rebelo, do Comandante do 2° Grupamento de Engenharia de construção, General Luiz Gonzaga de Oliveira, do General da reserva Mário Humberto Cardoso da Cunha, do Superintendente Regional de Produção da Mineração Paranapanema Junhici Tomita e do Delegado Regional da FUNAI, Kazuto Kawamoto, desembarcou no aeroporto do Núcleo de Apoio Waimiri-Atroari poucos minutos antes das 11h00.

Em seguida, foram para o Posto Indígena de Terraplenagem, onde fica localizado o Centro Educacional "*Euclydes de Oliveira Figueiredo*". O General Euclydes e sua comitiva, a convite do chefe indígena Viana percorreram vários núcleos de plantações diversificadas por eles cultivadas.

Conheceram ainda a comunidade de "*Jawara*", composta por 5 malocas, habitadas por 34 índios Atroari. O ex-comandante do CMA ficou impressionado com a diversificação das culturas de subsistência dos Atroari. Sempre cercado pelos índios, na sua maioria crianças e mulheres, Euclydes Figueiredo Filho conheceu as técnicas rudimentares de fabricação de farinha de mandioca.

A explicação foi feita pelo chefe Viana Iwandrera, elogiado pelo Chefe da ESG pela sua capacidade de dinamizar aquele núcleo indígena. Dirigindo-se aos índios que os cercavam, o General Euclydes declarou:

– *Viana é chefe de vocês. A ele vocês devem obedecer.*

A reserva dos índios Waimiri-Atroari mede 1 milhão e 850 mil hectares. Ao todo, eles são aproximadamente **700**, distribuídos em várias comunidades. Ainda existem vários núcleos arredios, embora estejam sendo contatados há anos pela Fundação Nacional do índio.

O PI Terraplenagem, localizado à margem da BR-174 é um dos pontos de atração da FUNAI, que vem "*cumprindo com muita habilidade a sua meta de trabalho*", como admite o delegado Kazuto Kawamoto.

Inauguração

O General Euclydes e o chefe Viana desenlaçaram a fita de inauguração do "*Centro Educacional Euclydes de Oliveira Figueiredo*" – construída em madeira rústica e coberta com palha de buritizeiro. O chefe Viana, num ligeiro discurso de agradecimento, declarou:

– *O General esteve aqui. Deu atenção para o índio. Prometeu escola. Hoje escola está pronta. Estamos muito alegres... obrigado General Figueiredo.*

O Delegado Regional da FUNAI, por sua vez, agradeceu a colaboração das unidades militares instaladas na região pela contribuição que vêm dando à execução do plano da política indigenista oficial, tendo como ponto básico a integração do índio à comunidade nacional. Ele declarou, por outro lado, que Euclydes Figueiredo Filho, quando Comandante do CMA, não mediu esforços em ajudar a FUNAI no cumprimento de sua missão, concernente à proteção integral do índio e de seu patrimônio.

Explicou que a afixação do nome do seu saudoso pai, o Gen Euclydes de Oliveira Figueiredo, naquele Centro Educacional, significa a gratidão pelos serviços que prestou às comunidades indígenas quando Comandante do CMA.

Por outro lado, destacou que a homenagem justificava uma dupla homenagem: ao Gen Euclydes de Oliveira Figueiredo e ao Gen Euclydes de Oliveira Figueiredo Filho.

A Paranapanema

A exemplo do delegado da FUNAI, o Genal Euclydes Figueiredo agradeceu à Mineração Paranapanema pelo gesto de reconhecimento ao seu pedido pessoal.

Ele disse que assim que o chefe Viana pediu-lhe uma escola, repassou essa reivindicação aos seus amigos da Paranapanema, que explora uma área de mineração contígua à reserva dos Atroari. Disse o General, referindo-se à Mineração Paranapanema:

- *Eu estou profundamente emocionado com essa oportunidade de ver realizado por vocês aquilo que me pediram pra fazer. Eu não fiz nada. Eu só fiz é pedir aos amigos. E os amigos me atenderam.*

Em seguida, o ex-Comandante do CMA disse que na Amazônia todos devem trabalhar conjuntamente, ressaltando que:

- *Isso bastaria para justificar a nossa vinda e a nossa permanência no Comando é a nossa missão. É a missão do Exército. A gente procura ajudar a todos aqueles que trabalham em favor da população local, assim como a Marinha e a Aeronáutica.*

Emocionado, Euclydes declarou que estava muito gratificado pelo fato de os índios terem escolhido o nome do seu pai, para homenageá-lo. Encarou a homenagem como uma prova de reconhecimento aos bons serviços prestados por seu genitor à comunidade nacional, ressaltando que ele seria sempre lembrado num local onde nunca tinha servido como militar.

Presente

Antes de retornar ao NAWA, Euclydes conversou isoladamente com os índios que ali se encontravam, fazendo perguntas e respondendo indagações dos Atroari.

O chefe Viana entregou-lhe um arco e duas flechas como presente. Euclides Figueiredo e sua comitiva ainda visitaram, no dia de ontem, a Mineração Paranapanema, no município de Presidente Figueiredo. (JC, N° 33.156)

Viana dá arco e flexas de presente ao General.

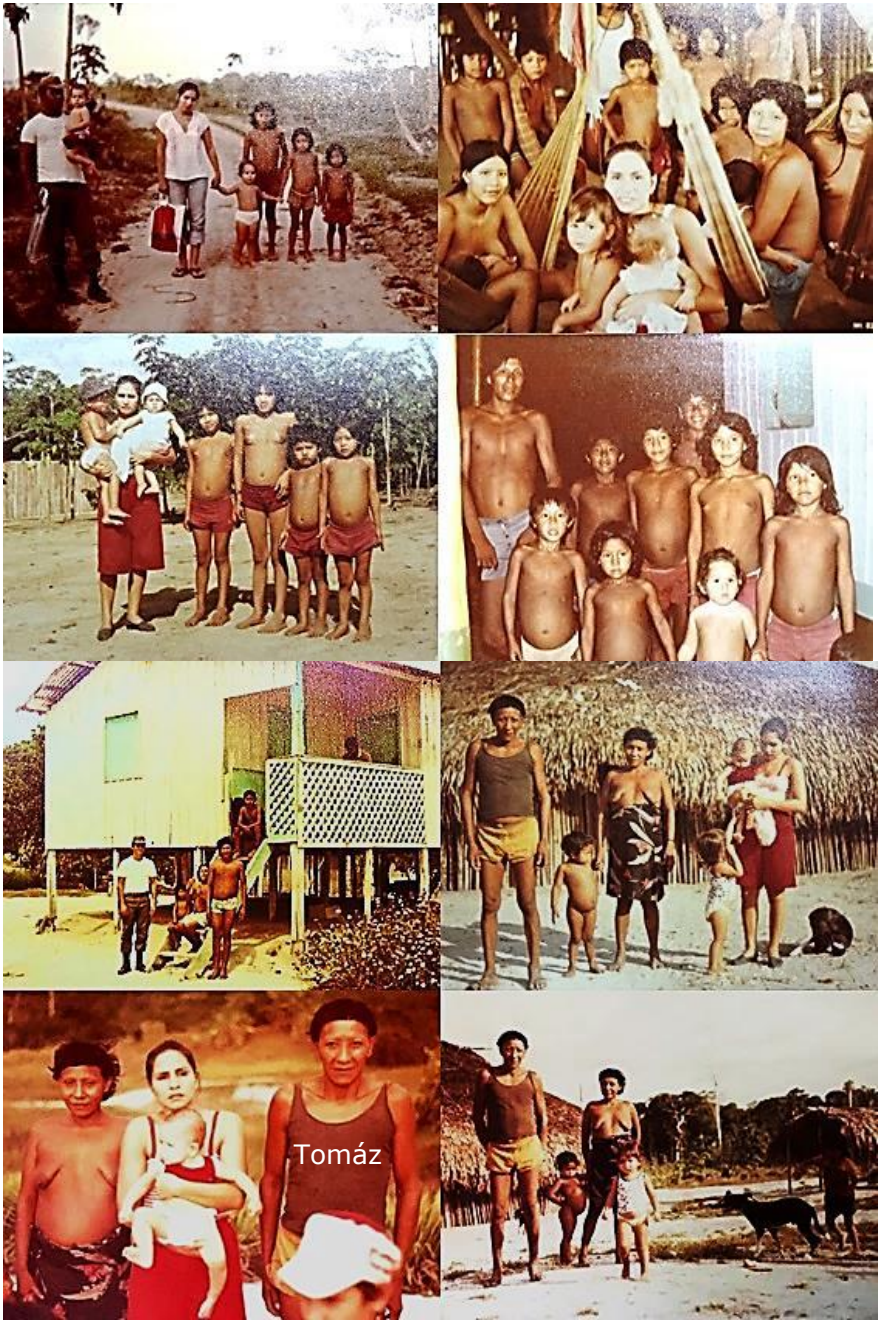
Jornal do Comércio, n° 33.156, 07.01.1984

JORNAL DO COMÉRCIO

Euclides inaugurou a escola indigena com nome de seu pai

O chefe Vieira agradece a construção da escola

Jornal do Comércio, n° 33.156, 07.01.1984



Minha famíla em visita aos WA

Iniciada campanha de vacinação

Encerrou no último dia 2, a primeira etapa da campanha de vacinação contra a poliomielite (paralisia infantil), difteria, tétano e coqueluche na reserva dos índios Waimiri-Atroari, sob a jurisdição da delegacia regional da Funai, com sede em Manaus. A informação foi prestada ontem pelo coordenador da campanha, médico Carlos Alberto Ferreira, da 15ª Divisão de Serviços de Equipe Volante de Saúde, responsável pela vacinação das crianças indígenas. O médico declarou que foram vacinadas quase 200 crianças, sendo que o Exército através do seu serviço de saúde vacinou uma outra parte da população em idade de ser imunizada contra a poliomielite. A imunização da difteria, tétano e coqueluche foi feita através da vacina tríplice. O médico Carlos Ferreira fez questão de frisar que a campanha foi coroada de êxito, embora sua equipe tenha esbarrado em algumas dificuldades apresentadas pela própria condição peculiar daquela região. (**O Comércio, 06/09/83**)

PROGRAMA WAIMIRI ATROARI
Convênio FUNAI/ELETRONORTE

REGISTRO ADMINISTRATIVO DE NASCIMENTO DE ÍNDIO N°. 10

Em **01** de **julho** de **1958**

Nasceu na aldeia, **Alalaú (antigo)**. Terra Indígena Waimiri Atroari no Estado do **Amazonas**, do sexo **masculino**

Nome **Bare Bornaldo Waimiri**

pertencente a etnia Waimir Atroari, filho (a) do Papa iety (Nome do Pai), **Piriwixi Waimiri**. Tendo como maikehe Iaty (Nome do avô paterno): **Krahma Waimiri** e

Ikehe iety (Nome da avó paterna): _____ e

Mama iety (Nome da mãe) **Akynamy Waimiri**. Tendo

Como maikehe iety (Nome do avô materno): _____ e

Ikehe iety (Nome da avó materna) **Ata Waimiri**

Testemunhas:

_____

_____

PODER JUDICIÁRIO
3ª VARA DA JUSTIÇA FEDERAL NO AMAZONAS

AÇÃO CIVIL PÚBLICA N° 1001605-06.2017.4.01.3200
Requerente: Ministério Público Federal e outro
Requerido: União e outros

TERMO DE AUDIÊNCIA

Aos vinte e sete (27) dias do mês de fevereiro de dois mil e dezenove [...]

 # Informante Dawuna Elzo Atroari #

[...] Ministério Público:

Bom dia Dawuna eu sou Fernando do Ministério Público Federal e só expressar que é uma alegria para nós estarmos aqui, né, de poder levar conhecimento, né, dos órgãos oficiais da justiça as coisas que aconteceram, né, nos períodos passados. [...]

Tradutor:

Antes da estrada ele vivia bem, em paz e com muita saúde. [...]

Ministério Público:

Dawuna se elembra de conflitos na época da construção da estrada?

Tradutor:

Quando passou a BR-174 foi embora, mas depois que veio problema, mas não é depois muito, né. [...]

Ministério Público:

Ele disse que houve problema, depois da estrada é isso?

Tradutor:

Durante a construção é que teve ataque. [...]

Tradutor:

O trator não chegou na aldeia, foi berando o roçado. [...]

Tradutor:

Algumas pessoas chegavam pra explicar pra eles só que eles não entendiam o que eles queriam dizer pra eles. [...]

Tradutor:

Eles tiveram contato assim não muito bem, mas porque eram umas pessoas estranhas pra eles. [...]

Tradutor:

Os Kamña chegaram no dia do Marubá e os Kamña dançaram com eles. [...]

Tradutor:

A pessoa estava viva, bem de saúde, de repente adoecia e no outro dia morria. [...]

Tradutor:

Aconteceu mais de uma vez, repetiu. [...]

Ministério Público:

Eu queria saber se Kamña alguma vez atacou os Kiña, seja com tiros, com bombas ou alguma coisa assim?

Tradutor:

Aconteceu ataque de tiro.

Ministério Público:

E o que que ele lembra?

Tradutor:

Ele não lembra muito bem porque o ataque foi assim rápido. Não dá para lembrar tudo direito, pra memorizar, não é. [...]

Tradutor:

Ele não se lembra muito bem. [...]

Tradutor:

Ouvia tiros. [...]

Informante Dawuna (aos 23:56):

De dia ([10]).

[10] Aos 01:15 o tradutor informa à juíza que o informante não fala nem entende a língua portuguesa, mas aqui Dawuna demonstra o contrário respondendo espontaneamente. O tradutor fica "*surpreso*", certamente este não era o combinado, o informante não deveria responder diretamente a pergunta. (Hiram Reis)

Tradutor (aos 24:23):

Eles fugiram porque tinha muito barulho ([11]). [...]

Ministério Público:

Alguém faleceu, alguém morreu da família?

Tradutor:

Pois não, não entendi a pergunta.

Ministério Público:

Alguém da família dele morreu?

Juíza:

Doutor, só um minuto, vou pedir para o senhor ser mais específico porque – é muito amplo.

Ministério Público:

Alguém próximo, a mãe, o pai...? ([12])

Juíza:

Eu digo assim, ao tempo que o senhor está perguntando pra ele.

Ministério Público:

Há claro, claro, relacionado a este período da estrada, alguém da família morreu?

Tradutor:

Nesse período que a mãe dele morreu e adoeceu a família dele. [...]

---

[11] O tradutor cutuca o braço direto do informante por duas vezes forçando-o a interromper sua explanação. Curioso, pois não? (Hiram Reis)

[12] Credo! Promotor enrolado, pois não? (Hiram Reis).

Ministério Público:

Sobre a doença em si, se ele poderia explicar se era, entre a pessoa ficar doente e morrer era rápido, ouse ele saberia dizer se demorava 2 ou 3 dias, 2 ou 3 Sol, 2 ou 3 Luas, ou se demorava. ([13])

Tradutor:

O tempo não era de longo tempo era de 2 ou 3 dias. [...]

AGU:

Bom dia Dawuna.

Informante Dawuna (aos 41:18): ([14])

AGU:

Num primeiro momento do seu depoimento para o MP você falou que não tinha lembranças sobre os fatos, num segundo momento acabou descrevendo algumas coisas, algumas lembranças, você tem lembrança ou não do que ocorreu nesta época?

Tradutor:

Ele afirma que na hora ele falou, ele se confundiu, mas ele afirma que ele viu pessoalmente.

AGU:

Num primeiro momento o senhor disse que durante a construção não houve problema, o problema veio depois da construção, todas aquelas questões que surgem com a construção de uma estrada na terra onde vocês moravam. O Sr. poderia descrever um pouquinho os fatos deste suposto ataque que ocorreu e a época, por favor?

---

[13] O advogado deveria jogar na loteria, pois, não? (Hiram Reis)

[14] O informante responde o cumprimento do advogado da AGU antes mesmo da tradução. (Hiram Reis)

Tradutor:

A picada passou e aí vinha a equipe dos tratores atrás, aí passou isso e atacou a ameaça.

AGU:

O ataque seria da estrada contra a terra no caso?

Tradutor:

O ataque foi durante a construção da BR-174.

AGU:

Esse ataque foi feito a pessoas indígenas, se possível qual aldeia, foi na aldeia dele e como ocorreram estes ataques?

Tradutor:

O ataque foi na minha aldeia, minha própria aldeia.

AGU:

Quantas pessoas participaram deste ataque?

Tradutor:

Era muita gente.

AGU:

Quantas são muito, aqui dentro tem muita gente?

Tradutor:

Quem viu isso aí sobrou meu irmão, Wamé, Mário, Temu... [...]

AGU:

Sr. Dawuna, o seu irmão e outros parentes que presenciaram ou se foi o Sr. em pessoa que presenciou?

Tradutor:

Eu presenciei neste momento.

AGU:

Pode descrever como foi o ataque?

Tradutor:

O ataque foi, ele concorda que foi um veneno que jogava na maloca deles.

Juíza:

Jogavam aonde, não entendi?

Tradutor: É um veneno que eles pegavam e jogavam, assim um tipo, um veneno ele concorda que foi um veneno e o tiro também.

AGU:

Ele lembra como eram essas armas que as pessoas estavam carregando?

Tradutor:

Agora eu não sei, eu não sei exatamente qual é o calibre, mas eu sei que é um revólver e metralhadora.

AGU:

O senhor sabe dizer como que essas pessoas eram, e se era normal o conflito com posseiros, mateiros e garimpeiros ou outras pessoas que adentravam no território indígena?

Tradutor:

Eu não sei qual era a pessoa que era porque naquela época eu não sabia identificar qual era a pessoa. ([15])

[15] Se não eram capazes de identificar os supostos responsáveis por estes assaltos por qual motivo estão culpando as Forças Armadas? (Hiram Reis)

AGU:

A aldeia dele era diferente do senhor Bornaldo no caso?

Tradutor:

A do Bornaldo e a do Dawuna eram aldeias diferentes, mas só que eram vizinhas.

AGU:

O evento ocorreu no mesmo dia?

Tradutor:

Foi no mesmo período que foi ataque.

AGU:

É normal, na tribo dos senhores, as pessoas contarem histórias sobre este evento?

Tradutor:

É comum, é contar essa história como ocorreu.

AGU:

Eu gostaria de saber então exatamente quais eram os trajes dessas pessoas e em quantidade muito eu não sei oque é muito, cinco, dez, cinquenta, eu quero saber a quantidade de pessoas e como estava trajadas. [...]

AGU:

E como as pessoas que atacaram o senhor estavam vestidas?

Tradutor:

Tá ele fala aqui, a gente não esperava acontecer isso aconteceu assim coincidência, a gente não esperava oque ia ocorrer com nós. [...]

Tradutor:

Eles estavam de uniforme, de sapato calçado e o boné.

AGU:

Como era esse uniforme?

Tradutor:

O uniforme era assim meio verde.

AGU:

A testemunha também mencionou sobre um contra-ataque, falou que depois do ataque dos homens brancos os índios atacaram, eu quero saber como foi esse contra-ataque?

Tradutor:

O homem branco começou aí nós agimos contra-ataque para se defender. [...]

Tradutor:

A defesa deles, porque eles moravam aqui, no território deles, onde eles caçavam e pescavam e coletavam e então era para isso a defesa do direito. [...]

Tradutor:

Nós usamos nossas flechas e arcos para nós se defender, não se escondia ficava ali.

AGU:

Também foi mencionado que antes da estrada eles viviam com saúde eu gostaria de saber primeiro se a população da comunidade deles era predominantemente masculina.

Tradutor:

A população antes da estrada era uma quantidade muito, tanto masculino quanto feminino era a mesma coisa.

AGU:

Eu gostaria de saber então qual era a quantidade de pessoas de mulheres que morriam durante o parto antes da estrada.

Tradutor:

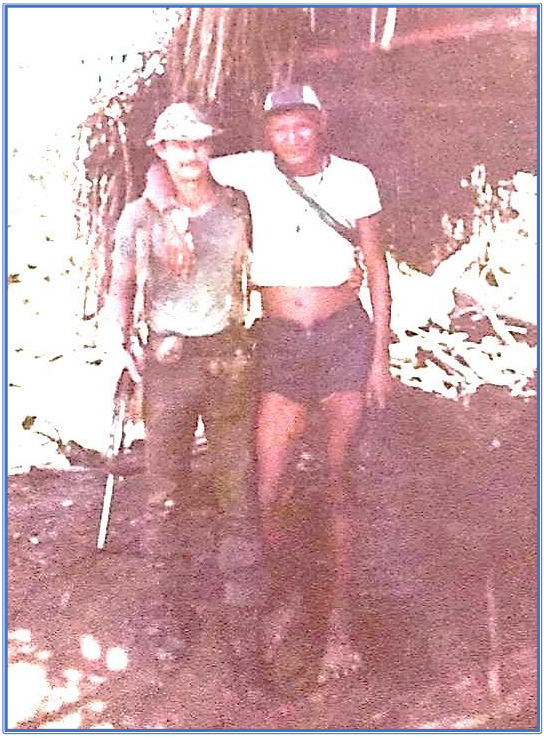
Antes da estrada o parto era normal não morria mulheres ([16]) [...]

---

[16] Novamente uma informação falaciosa. Por que será que o Elza (o), irmão do Viana, levou sua esposa grávida para ser atendida na 1ª CiaECnst, em 1982, se o parto na aldeia era tão seguro assim? Muitas jovens adolescentes, ainda em plena puberdade, sucumbiam durante o trabalho de parto por falta de cuidados especiais e em decorrência de infecções. Por isso as tribos rivais tinham, por tradição, atacar umas às outras para capturar mulheres e manter estável sua população feminina. Os Wai-Wai, volta e meia, faziam incursões para capturar mulheres Waimiri-Atroari. (Hiram Reis)

Depoimento do Ten-Cel Inf Walter Chiarato, em 30 de agosto de 2022, às 15h03 (Horário de Brasília):

> [...] eu inclusive tirei uma foto com um índio que era o chefe deles, o Comprido, me falaram que o pai do Comprido era o Maruaga que tinha falecido no combate com Wai-Wai, por quê?
>
> Porque os Wai-Wai eram mais aculturados, tinham mais contato com os brancos e era ao Norte e faziam incursões nas tribos Waimiri-Atroari para pegar as mulheres, para roubar as mulheres e o Maruaga tinha sido morto num desses embates entre eles, entre os índios Wai-Wai e os Waimiri-Atroari e assumiu o Comprido que era o Capitão Comprido.



PROGRAMA WAIMIRI ATROARI
Convênio FUNAI/ELETRONORTE

REGISTRO ADMINISTRATIVO DE NASCIMENTO DE ÍNDIO N°. 208

Em **01** de **julho** de **1951**

Nasceu na aldeia, **Alalaú (antigo)**. Terra Indígena Waimiri Atroari no Estado do **Amazonas**, do sexo **masculino**

Nome **Dawuna Elzo Atroari**

pertencente a etnia Waimir Atroari, filho (a) do Papa iety (Nome do Pai), **Dawuna Atroari**. Tendo como maikehe Iaty (Nome do avô paterno): **Dawuna Atroari** e Ikehe iety (Nome da avó paterna): **Arybeheri Atroari** e Mama iety (Nome da mãe) **Waiba Atroari**. Tendo Como maikehe iety (Nome do avô materno): **Kre'e Atroari** e Ikehe iety (Nome da avó materna) **Aiakiamy Atroari**

Testemunhas:

PODER JUDICIÁRIO
3ª VARA DA JUSTIÇA FEDERAL NO AMAZONAS

AÇÃO CIVIL PÚBLICA N° 1001605-06.2017.4.01.3200
Requerente: Ministério Público Federal e outro
Requerido: União e outros

TERMO DE AUDIÊNCIA

Aos vinte e sete (27) dias do mês de fevereiro de dois mil e dezenove [...]

Informante Temehe Tomás Waimiri

[...] Juíza:

O Tomás fala português ou não?

Tradutor:

Não. [...]

Juíza:

Boa tarde Sr. Tomás.

Tomás:

Boa tarde.

Juíza:

O sr. me compreende completamente ou não?

Tradutor:

Ele não entendeu. [...]

Ministério Público:

Tinha aldeia também?

<u>Tomás</u>: 09:49 ([17])

Tradutor:

Tinha aldeia. [...]

Ministério Público:

Quais aldeias ele lembra?

<u>Tomás</u>: 09:52 ([18])

Tradutor:

Ele lembra a aldeia existia três.

Ministério Público:

Ele lembra o nome? [...]

Ministério Público:

Tomás gostaria de saber se o sr. se lembra se houve conflito nessa época da construção da estrada? [...]

---

[17] O informante responde na sua língua antes que o tradutor lhe pergunte. Curioso, pois não? (Hiram Reis)

[18] Novamente o informante responde na sua língua antes que o tradutor lhe pergunte. Curioso, pois não? (Hiram Reis)

Tradutor:

Então o conflito foi iniciado pelo homem branco e usava arma, metralhadora, revólver.

Ministério Público:

E atirou na aldeia dele, na aldeia do Tomás como é que foi isso, pede para ele contar para a gente ter uma ideia do que foi assim, se demorar para falar ele tenta ir cortando para explicar, mas talvez ele tenha que contar.

Tradutor:

Foi atacada a aldeia inteira, eles ficaram em uma aldeia aí eles estavam noutra aldeia quando eles chegaram, ele já viu assim tudo atirado na maloca dele onde ele ficava construindo a nova aldeia dos outros amigos dele. Então este fica no estado do Amazonas.

Ministério Público:

Deixa ver se eu entendi, ele estava em outra aldeia e aí a aldeia dele foi atacada, e quando ela foi atacada tinha alguém na aldeia ou todos estavam fora?

Tradutor:

Tinha gente lá nesta aldeia que foi atacada.

Ministério Público:

E ele viu a aldeia deles ser atacada?

Tradutor:

Eu vi.

Ministério Público:

O que que ele viu?

Tradutor:

Ele afirma que o outro grupo foi por terra e outro vinha por helicóptero soltando dinamite ou então bomba em cima da maloca deles. Ele afirma – "*que eu vi*".

Ministério Público:

Entendi, então ele viu helicóptero e terrestre, estas pessoas eram Kiña ou Kamña.

Tradutor:

Kamña, era homem branco.

Ministério Público:

Era homem branco, Kamña, não é? Eram muitos?

Tradutor:

Eram muitos.

Ministério Público:

Tinha muito helicóptero?

Tradutor:

Era muito helicóptero.

Ministério Público:

E ele viu bomba, bomba vinda do helicóptero.

Tradutor:

Ele viu soltando pelo helicóptero uma bomba em cima da maloca.

Ministério Público:

E os tiros eram por terra.

Tradutor:

Teve pouco terrestre e mais pelo alto ([19]). [...]

AGU:

Primeiramente eu gostaria de perguntar à testemunha sobre este ataque de aeronave, eu gostaria que ele descrevesse essa aeronave e essa bomba, isso que aconteceu.

Tradutor:

Ele descreve que a aeronave era preta ([20]), só isso que ele viu, porque passava rápido.

---

[19] Uma estratégia "*interessante*" – um ataque aéreo com bombas, lançadas de helicópteros (de cor preta?), oque é totalmente impossível, enquanto a tropa amiga atacava por terra, certamente uma missão suicida elaborada por algum lunático do MP. (Hiram Reis)

[20] Adquiridos pela FAB em 1964. Foram recebidos inicialmente seis SH-1D para utilização em missões de busca e salvamento (SAR), e oito UH-1D, os quais foram empregados inicialmente pelos Esquadrões Mistos de Reconhecimento e Ataque. (Rudnei Dias da Cunha)

Helicóptero Preto?

AGU:

Esclareça uma questão, no início em relação ao 1° ataque que o sr. narrou, o sr. disse que estava em outra aldeia e chegou e viu que tinha tido um ataque, posteriormente o sr. narrou que participou deste ataque, o sr. estava lá quando houve estes supostos ataques aéreos, ou não?

Tradutor:

Ele afirma que ele viu porque era perto onde era a aldeia.

AGU:

Gostaria de saber se a testemunha sabe onde fica a aldeia de Somodu?

Tradutor:

Ele sabe que fica aqui perto da BR-174. Ele tá falando aqui que ali no Somodu ele se criou e foi para outra aldeia, porque se casou, e foi morar com o sogro.

AGU:

Eu gostaria de saber se a estrada passou por cima dessa aldeia?

Tradutor:

Foi berando essa aldeia.

AGU:

Com relação à segunda aldeia Kamaa ele sabe onde fica?

Tradutor:

Ele sabe onde fica.

AGU:

Eu gostaria de saber dele se passou a estrada por cima da aldeia Kamaa?

Tradutor:

Passou beirando a aldeia Kamaa ([21]).

AGU:

Então a aldeia dele foi a única que a estrada passou por cima? Porque desviavam das outras e não desviaram da dele?

Tradutor:

Então a única aldeia dele que foi assim na margem da BR-174, passou porque as outras aldeias não estavam na direção onde passaria a estrada. Então por isso que ficou assim beirando as outras aldeias.

AGU:

A testemunha afirmou que o ataque foi feito por militares, eu gostaria que fossem descritos estes militares, quais eram seus trajes, seu armamento, tudo com detalhes.

Tradutor:

Então era arma de revólver, metralhadora, tá falando.

AGU:

Eu perguntei dos trajes também.

---

[21] A aldeia, segundo mapa (página 57) da própria Associação WA (aldeias rio n° 12), está localizada nas coordenadas 01°55'29,19"S / 60°55'29,17"O, a mais de 80 km do eixo da BR-174. O pessoal da topografia do 6° BECnst realizava voos sistemáticos justamente para evitar que a estrada passasse próxima demais das aldeias dos WA. (Hiram Reis).

Tradutor:

O uniforme era de vários tipos, ele tá falando tinha verde, tinha cor de folha.

AGU:

Esses eventos teriam acontecido antes ou depois da morte do sr. Gilberto?

Tradutor:

Por favor, não entendi a pergunta?

AGU:

Porque na narrativa do Ministério Público, eles narram que houve a morte do sertanista Gilberto, em dezembro de 1974, gostaria de saber se estes ataques teriam sido antes ou depois para a gente poder determinar um marco temporal.

Tradutor:

O ataque do Gilberto aconteceu porque eles sofreram ataque nas aldeias deles pra poder responder ao ataque que aconteceu na aldeia e eles vieram para atacar o Posto da FUNAI.

AGU:

Então teria sido depois do caso então? [...]

Tradutor:

Foi antes do ataque do Gilberto.

AGU:

Antes do ataque do Gilberto, tanto o primeiro que teve um ataque aéreo e terrestre conjunto onde soltaram dinamite de diversos helicópteros quanto o segundo onde houve só o ataque terrestre.

Tradutor:

Foi tudo antes do ataque do Gilberto. [...]

FUNAI:

Poderia esclarecer que tipo de ajuda era essa?

Tradutor:

A FUNAI trazia tecidos e o que necessitava para o dia a dia deles naquele tempo. [...]

PODER JUDICIÁRIO
3ª VARA DA JUSTIÇA FEDERAL NO AMAZONAS

AÇÃO CIVIL PÚBLICA N° 1001605-06.2017.4.01.3200
Requerente: Ministério Público Federal e outro
Requerido: União e outros

TERMO DE AUDIÊNCIA

Aos vinte e sete (27) dias do mês de fevereiro de dois mil e dezenove [...]

 # Informante Wamé Viana Atroari #

[...] MP:

Então eu queria saber se você lembra o que era a vida antes da estrada?

Wamé:

Eu vou contar a história que eu conheci e vivi, né, me cresci aqui dentro da nossa terra. Então o que eu vi, vou contar até onde eu vi a chegada do homem branco na terra indígena na aldeia Atroari, né. Então eu vi assim, passou topografia antes de chegar na aldeia na terra indígena Waimiri-Atroari eu vi assim, chegou na aldeia contando, não sei o que ele queria

lá na aldeia, isso aí eu vi. Conheci antes de sofrer nós. Colocaram equipamento lá na aldeia isso que eu conheço e já vi eu mesmo assim ó levaram não sei pra onde ligaram telefone, telefone não, rádio ligaram rádio avisando, esse dia nós estava na festa mesmo muita gente houve isso daquele tempo só eu aqui.

Nesta festa que o pessoal estava eu tava, aí vi assim chegou assim 5 horas da manhã aí pessoal da FUNAI chegou lá avisando... aí todo mundo correram lá conhecer lá primeira vez que chegou na aldeia nesse tempo nós não conhecia nada nem homem branco oque que tava querendo fazer, né, aí todo mundo pararam festa tudinho isso que aconteceu na minha vida. Então eu vi assim, logo em seguida eles seguiu viaje pro meio do mato com equipamento deles lá e foram embora. Aí então assim eu vi, aí depois eles voltaram no avião, eles que tava chamando avião pra poder ir lá, isso que aconteceu, eu vi assim. Aí avião era assim, esqueci, aí nos fomo olhando e tal e continuando nossa festa. E nós contando a história, e o que está acontecendo, muita gente preocupada, fico assim, né. O que é que está acontecendo nosso lado [...]

Pessoal morto, muita gente, muita gente, a aldeia inteira, é isso aí que eu vi. [...]

Escuta, essa hora nós fomos correndo e voltamo pra aldeia pegar nossa arma e fomo verificar bem o que aconteceu com esse pessoal aí. Assim nos fomo lá., aí vimo pessoal morto outro tava deitado, outro tava cortado no pescoço, eu vi assim né. Eu vi assim né, outro furado no pescoço dele lá, eu vi assim. Aconteceu com nós assim [...]

MP:

E vocês sabiam quem era?

Wamé:

Sabia, sabemos que tem alguém que faz mal assim. Assim que nós estava falando entre nós lá, né?

MP:

Mas era Kamña, era Kamña?

Wamé:

Era Kamña.

MP:

Mas era Kamña que queria terra, consegue dizer que tipo de Kamña era?

Wamé:

Queria terra não é não, acho que, eu vi assim, nós pensamos aquele que queria fazer a estrada. Esse que era o nosso pensamento é esse. Todos Kiña, nós avô, pai, falava isso né. [...]

MP:

Essa aldeia era a mesma do Bornaldo?

Wamé:

É, era nossa lá, né. [...]

MP:

Só para esclarecer, naquele lugar estava quente e estavam quentes os outros lugares em volta também ou só naquele lugar estava mais quente?

Wamé:

Ao redor da maloca tava. Naquele espaço. [...]

MP:

Esses corpos dos Kiña que morreram, você sabe falar o que foi feito com eles?

Wamé:

Não, estão lá na aldeia ninguém fez nada, apodreceu lá...

MP:

Os Kiña queimaram os corpos ou não?

Wamé:

Não... [...]

MP:

Você sabe se os Kamña levaram os corpos ou onde colocaram os corpos ou não? [...]

AGU:

O Sr, disse agora no depoimento ao MP que não teria presenciado o ataque à aldeia Somodu, teria chegado logo depois e encontrado os Kiña mortos? [...]

Wamé:

Eu não vi ataque assim, só vimo pessoal morto mesmo no chão já assim. [...]

AGU

Tá ok Viana, você pode explicar quem você encontrou lá quando lá chegou, pessoas vivas ou todo mundo morto?

Wamé:

Eu encontrei, eu falei Bornaldo, naquele momento tava só ele sozinho mesmo.

AGU:

Ele estava na aldeia na Somodu?

Wamé:

Na aldeia Somodu, na aldeia.

AGU:

O Sr. tem alguma relação de parentesco com o Bornaldo próxima?

Wamé:

É parente né. [...]

AGU:

Excelência, na verdade o Bornaldo falou que ficou sozinho até receber ajuda do tio dele então há um contraditório com o depoimento do Bornaldo o fato dele ter sido encontrado sozinho lá. [...]

AGU:

Sr. Viana qual a sua idade hoje? ([22])

Wamé:

Isso aí eu não sei não.

AGU:

Porque na época dos fatos narrados o sr. tinha qual idade, era uma criança, um adolescente? ([23]) [...]

Sr. Viana, o sr. está me dizendo que logo no início dos anos 80 tinha uma relação harmoniosa com o Exército?

---

[22] 62 anos. (Hiram Reis)
[23] 17 anos. (Hiram Reis)

Wamé:

Em 1981 já conhecia Exército.

AGU:

Tinha uma relação boa, no caso?

Wamé:

Depois que aconteceu tudo isso aí.

AGU:

Depois que aconteceu tudo isso, nos anos 80 o sr. tinha uma relação harmoniosa?

Wamé:

Mais ou menos 81, na chegada o Exército foi muito, a história que eu vi do pessoal do Exército apontando arma de fogo para a cabeça de indígena. [...]

AGU:

Porque nós temos relatos de militares da época que prestavam auxílio de saúde sempre que necessitavam, em relação a parto. [...]

Wamé:

Mas depois que a estrada passou aconteceu tudo isso aí. [...] ([24])

AGU:

O sr. sabe dizer porque àquela época nada era comentado sobre estes supostos ataques?

Wamé:

É isso que a gente disse e niguém conversa sobre isso. [...]

Juíza:

Quantas pessoas têm numa aldeia, mais ou menos assim?

Wamé:

Trinta pessoas. [...]

---

[24] Reprisemos a falaciosa oitiva de Baré Bornaldo em nítida contradição com a de Wamé Viana:

AGU:

Excelência, vamos passar para a próxima. Senhor Bornaldo, o senhor poderia descrever como era a relação do senhor e da população com o exército que se deu depois da construção da estrada? Se foi uma relação amigável, se eles ajudavam a comunidade, prestavam auxílio de saúde por exemplo auxiliando na realização de partos e outras coisas afins?

Tradutor:

Ele não trouxe ajuda de saúde naquele tempo. [...]

Não houve isso de ajudar no parto, não teve isso. [...]

Não ajudou.

Juíza:

Surgiu uma dúvida aqui, por parte do Dr. André e depois uma dúvida nossa aqui, se numa aldeia naquela época tinha 30 pessoas ou se tinha trinta famílias?

Wamé:

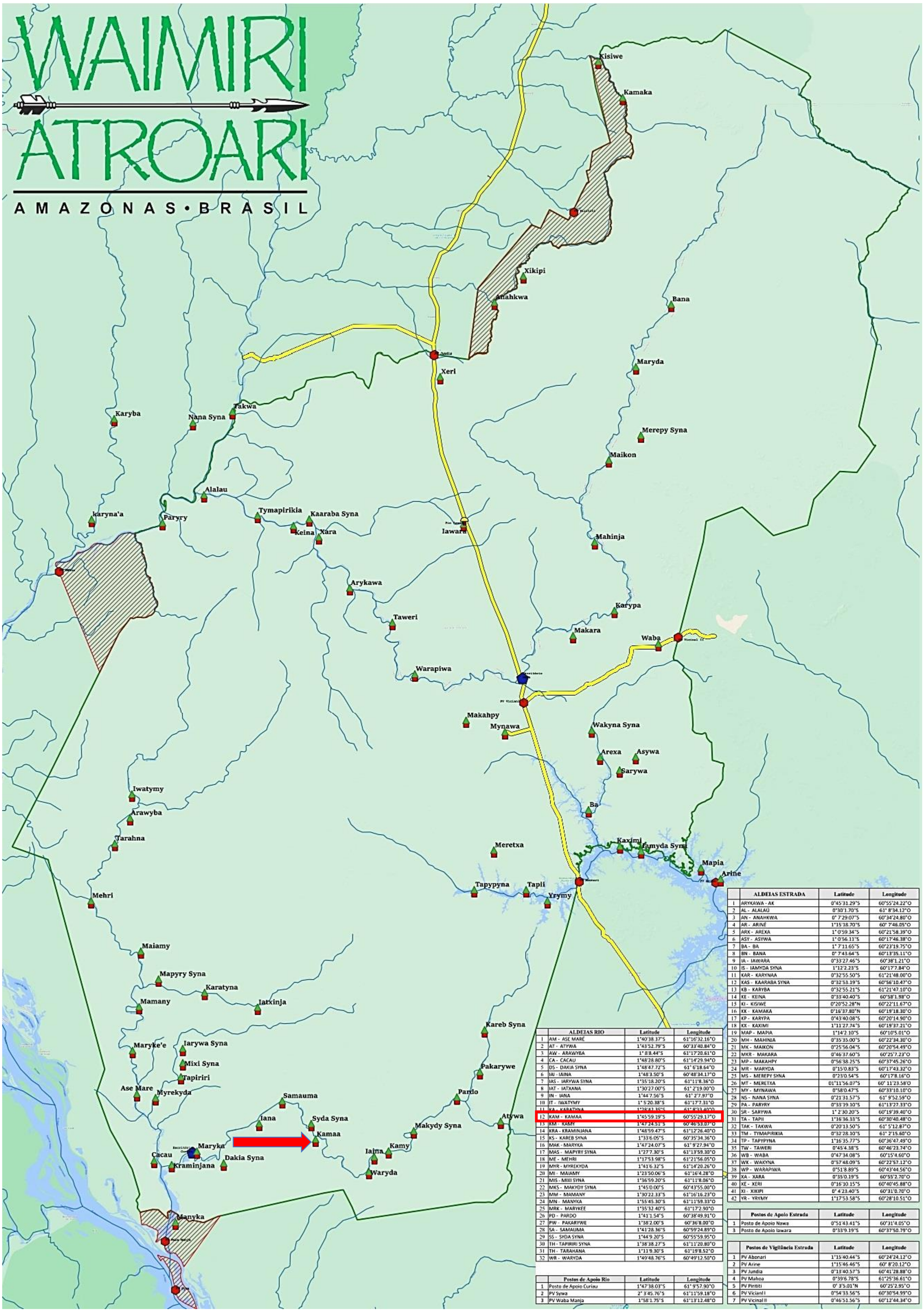
Trinta famílias.

Juíza:

E cada família?

Wamé:

Trinta famílias.



	ALDEIAS ESTRADA	Latitude	Longitude
1	ARYKAWA - AK	0°45'31.29"S	60°55'24.22"O
2	AL - ALALAÚ	0°30'1.70"S	61° 8'34.12"O
3	AN - ANAHKWA	0° 7'29.07"S	60°34'24.80"O
4	AR - ARINÉ	1°15'18.70"S	60° 7'46.05"O
5	ARX - AREXA	1° 0'59.34"S	60°21'58.39"O
6	ASY - ASYWA	1° 0'56.11"S	60°17'46.38"O
7	BA - BA	1° 7'11.65"S	60°23'19.75"O
8	BN - BANA	0° 7'43.64"S	60°13'35.11"O
9	IA - IAWARA	0°33'27.46"S	60°38'1.21"O
10	IS - IAMYDA SYNA	1°12'2.23"S	60°17'7.84"O
11	KAR - KARYNAA	0°32'55.50"S	61°21'48.00"O
12	KAS - KAARABA SYNA	0°32'53.19"S	60°56'10.47"O
13	KB - KARYBA	0°32'55.21"S	61°21'47.10"O
14	KE - KEINA	0°33'40.40"S	60°58'1.98"O
15	KI - KISIWE	0°20'52.28"N	60°22'11.67"O
16	KK - KAMAKA	0°16'37.80"N	60°19'18.30"O
17	KP - KARYPA	0°43'40.08"S	60°20'14.90"O
18	KX - KAXIMI	1°11'27.74"S	60°19'37.21"O
19	MAP - MAPIA	1°14'2.10"S	60°10'5.01"O
20	MH - MAHINJA	0°35'35.00"S	60°22'34.30"O
21	MK - MAIKON	0°25'56.04"S	60°20'54.49"O
22	MKR - MAKARA	0°46'37.60"S	60°25'7.23"O
23	MP - MAKAHPY	0°56'38.25"S	60°37'45.26"O
24	MR - MARYDA	0°15'0.83"S	60°17'43.32"O
25	MS - MEREPY SYNA	0°23'0.54"S	60°17'8.16"O
26	MT - MERETXA	01°11'56.07"S	60° 11'23.58'O
27	MY - MYNAWA	0°58'0.47"S	60°33'10.10"O
28	NS - NANA SYNA	0°21'31.57"S	61° 9'52.59"O
29	PA - PARYRY	0°33'19.10"S	61°13'27.33"O
30	SR - SARYWA	1° 2'30.20"S	60°19'39.40"O
31	TA - TAPII	1°16'36.33"S	60°30'40.48"O
32	TAK - TAKWA	0°20'13.50"S	61° 5'12.87"O
33	TM - TYMAPIRIKIA	0°32'28.10"S	61° 2'15.60"O
34	TP - TAPYPYNA	1°16'35.77"S	60°36'47.49"O
35	TW - TAWERI	0°45'4.38"S	60°46'23.74"O
36	WB - WABA	0°47'34.08"S	60°15'4.60"O
37	WK - WAKYNA	0°57'48.09"S	60°22'57.12"O
38	WP - WARAPIWA	0°51'8.89"S	60°43'44.56"O
39	XA - XARA	0°35'0.19"S	60°55'2.70"O
40	XE - XERI	0°16'10.15"S	60°40'45.88"O
41	XI - XIKIPI	0° 4'23.40"S	60°31'0.70"O
42	YR - YRYMY	1°17'53.58"S	60°28'10.51"O

	ALDEIAS RIO	Latitude	Longitude
1	AM - ASE MARÉ	1°40'38.37"S	61°16'32.16"O
2	AT - ATYWA	1°43'52.79"S	60°33'40.84"O
3	AW - ARAWYBA	1° 8'8.44"S	61°17'20.61"O
4	CA - CACAU	1°48'28.80"S	61°14'29.94"O
5	DS - DAKIA SYNA	1°48'47.72"S	61° 6'18.64"O
6	IAI - IAINA	1°48'3.50"S	60°48'34.17"O
7	IAS - IARYWA SYNA	1°35'18.20"S	61°11'8.36"O
8	IAT - IATXANA	1°30'27.00"S	61° 2'19.00"O
9	IN - IANA	1°44'7.56"S	61° 2'7.97"O
10	IT - IWATYMY	1° 5'20.38"S	61°17'7.31"O
11	KA - KARATYNA	1°28'43.35"S	61° 8'33.60"O
12	KAM - KAMAA	1°45'59.19"S	60°55'29.17"O
13	KM - KAMY	1°47'24.51"S	60°46'53.07"O
14	KRA - KRAMINJANA	1°48'59.47"S	61°12'26.40"O
15	KS - KAREB SYNA	1°33'6.05"S	60°35'34.36"O
16	MAK - MARYKA	1°47'24.07"S	61° 9'27.94"O
17	MAS - MAPYRY SYNA	1°27'7.30"S	61°13'59.30"O
18	ME - MEHRI	1°17'53.98"S	61°21'56.05"O
19	MYR - MYREKYDA	1°41'6.32"S	61°14'20.26"O
20	MI - MAIAMY	1°23'50.06"S	61°16'4.28"O
21	MIS - MIXI SYNA	1°36'59.20"S	61°11'8.06"O
22	MKS - MAKYDY SYNA	1°45'0.00"S	60°43'55.00"O
23	MM - MAMANY	1°30'22.33"S	61°16'16.23"O
24	MN - MANYKA	1°55'45.30"S	61°11'59.33"O
25	MRK - MARYKEE	1°35'32.40"S	61°17'2.90"O
26	PD - PARDO	1°41'1.54"S	60°38'49.91"O
27	PW - PAKARYWE	1°38'2.00"S	60°36'8.00"O
28	SA - SAMAUMA	1°41'28.36"S	60°59'24.89"O
29	SS - SYDA SYNA	1°44'9.20"S	60°55'59.95"O
30	TH - TAPIRIRI SYNA	1°38'38.27"S	61°11'20.80"O
31	TH - TARAHANA	1°11'9.30"S	61°19'8.52"O
32	WR - WARYDA	1°49'48.76"S	60°49'12.50"O

	Postos de Apoio Rio	Latitude	Longitude
1	Posto de Apoio Curiau	1°47'38.03"S	61° 9'57.90"O
2	PV Sywa	2° 3'45.76"S	61°11'59.18"O
3	PV Waba Manja	1°58'1.75"S	61°13'12.48"O

	Postos de Apoio Estrada	Latitude	Longitude
1	Posto de Apoio Nawa	0°51'43.41"S	60°31'4.05"O
3	Posto de Apoio Iawara	0°33'9.19"S	60°37'50.79"O

	Postos de Vigilância Estrada	Latitude	Longitude
1	PV Abonari	1°15'40.44"S	60°24'24.12"O
2	PV Arine	1°15'46.46"S	60° 8'20.12"O
3	PV Jundia	0°13'40.57"S	60°41'28.88"O
4	PV Mahoa	0°39'6.78"S	61°25'36.61"O
5	PV Pirrititi	0° 3'5.01"N	60°25'2.95"O
6	PV Vicinal I	0°54'33.56"S	60°30'54.99"O
7	PV Vicinal II	0°46'51.56"S	60°12'44.34"O

PROGRAMA WAIMIRI ATROARI
Convênio FUNAI/ELETRONORTE

REGISTRO ADMINISTRATIVO DE NASCIMENTO DE ÍNDIO N^{O}. 28

Em **01** de **julho** de **1957**

Nasceu na aldeia, **Xara (antigo)**. Terra Indígena Waimiri Atroari no Estado de **Roraima**, do sexo **masculino**

Nome **Wame Viana Atroari**

pertencente a etnia Waimir Atroari, filho (a) do Papa iety (Nome do Pai), **Paruwe Atroari**. Tendo como maikehe Iaty (Nome do avô paterno): **Wame Atroari** e

Ikehe iety (Nome da avó paterna): **Ida Atroari** e

Mama iety (Nome da mãe) **Waiba Atroari**. Tendo

Como maikehe iety (Nome do avô materno): **Kre'e Atroari** e

Ikehe iety (Nome da avó materna) **Aiakiamy Atroari**

Testemunhas:

Depoimento do Cel Av Renato Meirelles, Ten-Cel Inf Walter Chiarato, em 1° de setembro de 2022, às 11h08 (Horário de Brasília):

[...] Vamos ressaltar o seguinte, os helicópteros que a FAB comprou, adquiridos em 1967, eram do modelo UH-1D, foram destinados para a Busca e Salvamento ([25]) e outra parte foi destinada também para Instrução e Emprego.

Como emprego a gente entende o uso do helicóptero ou da aeronave como uma plataforma de armas.

Na FAB, os helicópteros foram armados com metralhadoras frontais e laterais e com lançadores de foguetes, também frontais.

Nunca se firmou Doutrina de uso do helicóptero como plataforma para lançamento de bombas. Este emprego de lançar bombas ficou exclusivo para aeronaves de asa fixa. [...]

Em toda a minha carreira na Força Aérea eu nunca ouvi falar qualquer coisa a respeito, ao contrário, a nossa experiência foi sempre de companheirismo e buscar a aproximação com os índios de forma pacífica, cordial e por onde nós passamos sempre deixamos esta máxima haja visto que por diversas vezes eu tive a oportunidade congraçar com índios, não desse grupo, mas de outros, e sempre foi uma coisa pacífica.

Nós sempre nos pautamos por aquele lema do insigne Marechal Rondon: "*Morrer, se preciso for; matar, nunca*". então mantínhamos esta conduta.

---

[25] SAR – Search and Rescue. (Hiram Reis)

PODER JUDICIÁRIO
3ª VARA DA JUSTIÇA FEDERAL NO AMAZONAS

AÇÃO CIVIL PÚBLICA N° 1001605-06.2017.4.01.3200
Requerente: Ministério Público Federal e outro
Requerido: União e outros

TERMO DE AUDIÊNCIA

Aos vinte e sete (27) dias do mês de fevereiro de dois mil e dezenove [...]

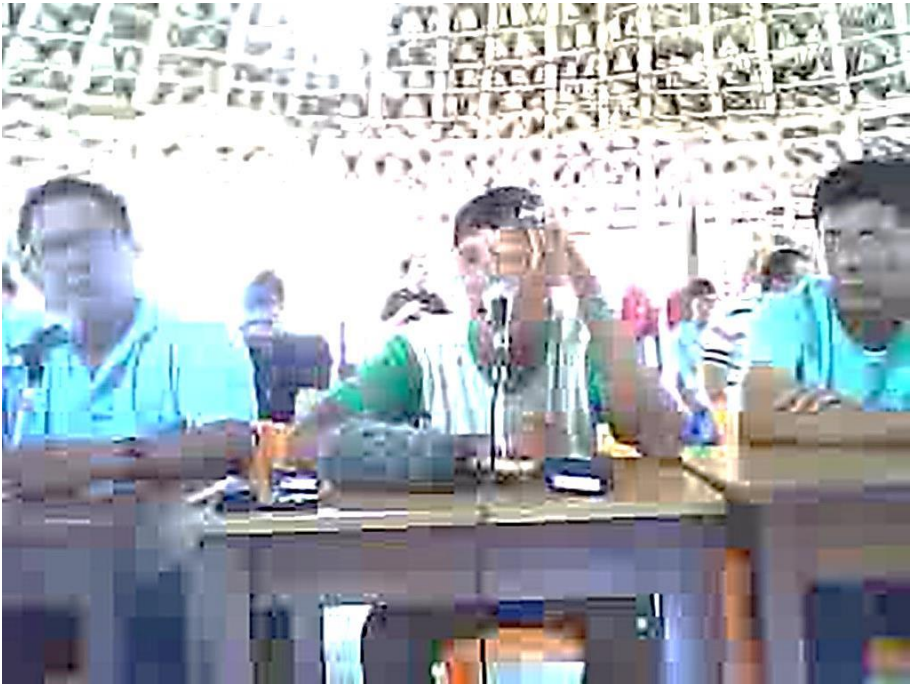
 # Informante Wanaby Raimundo Atroari #

[...] Tradutor:

As pessoas mais velhas disseram que era um veneno porque naquele tempo aquele problema não existia antes daquilo acontece aquilo. Então como os mais velhos disse que a primeira pessoa que adoeceu disse que estava envenenada. [...]

Tradutor:

Ele está relatando que eles tinha ido para festa e chegaram à aldeia dele onde aconteceu este episódio. Na chegada mesmo as pessoas começaram a adoecer e apareceram casos mais graves. [...]



Tradutor:

Ele relata que saia bom da aldeia e na caçaria, onde ele caçava, no caminho eles sentia um impacto no corpo dele, começava a sentir um calor e a temperatura subindo e tonteira. [...]

Tradutor:

Ele dizia que era uma pessoa que sentia bate ele dizia que era veneno, então era uma pessoa desconhecida que falava que Kamña tinha atacado ele. [...]

Tradutor:

Quando passou a estrada, depois que acabou tudo, depois que aconteceu este episódio melhorou a vivência dele, o dia a dia dele. [...]

Tradutor:

Quando eles saíram deste episódio eles não voltaram mais para lá, ele não sabe se levaram, acredita que sim, os parentes que eles deixaram lá, ficaram lá mesmo. [...]

Tradutor:

Eu participei desta ameaça, deste ataque durante a construção da BR-174 e também não esperava acontecer isso. [...]

AGU:

Excelência, agora há pouco ele respondeu que após a construção da BR que ele sofreu ameaça. Primeiro eu gostaria de saber se essa ameaça foi durante a construção ou após a construção?

Tradutor:

Então, durante a construção que aconteceu esta ameaça.

AGU:

Perfeito, a pergunta também foi feita se essa ameaça foi com armas, eu gostaria de saber quais armas e de quantas pessoas foram essas ameaças?

Tradutor:

Então, essa ameaça foi com tiros, né, com metralhadoras, então é isso que eu vi.

AGU:

Como tiros, atiraram nele, atiraram para cima?

Tradutor:

Então atiraram nele o que tava lá.

AGU:

Como, perdão?

Tradutor:

Eles atiraram nele, quem tava lá presente no local, ele viu.

AGU:

E a testemunha estava no local, ele viu isso?

Tradutor:

Muito bem, ele foi assim sabendo através de outra pessoa que contou pra ele.

AGU:

Ok, ok, perfeito, então ele não viu, mas contaram para ele, perfeito.

Edson Tosta Matarezio Filho na sua obra "*Ritual e Pessoa Entre os Waimiri-Atroari*", editada pela Universidade de São Paulo em 2010 faz o seguinte comentário sobre esses encontros "*festivos*" dos WA:

> *Os marubás ou marybas não eram apenas encontros amistosos para iniciação de jovens guerreiros ou casamentos. O consumo exagerado de bebidas fermentadas estimulavam a licencio-sidade, os contatos espúrios de toda a ordem e a consequente transmissão de doenças*

Perguntei a um Waimiri-Atroari, num dos breves contatos que tive com eles, porque antigamente era perigosa a chegada das pessoas na maryba. O informante disse:

> *Porque existia inimigo. A gente dança com flecha, tudo armado, pintado, enfeitado. Com animais moqueado no jamaxim. Kinja dançando tudo armado, tudo preparado, porque pode acontecer encima da hora. Antigamente acontecia. Porque antigamente não era reunião, antigamente era só briga.*

Antigamente era só briga, não tinha festa?

> *Só morte mesmo. Hoje tem só reuniões. Passado mesmo, não tinha isso não, só briga. Era guerra mesmo, por isso que a gente dança com flecha. [...]*

As festas geram também uma espécie de caos nas regras de filiação e casamento estudadas pelos antropólogos, alterando, portanto, as classificações sociais Waimiri-Atroari. E, talvez menos explicitamente que os rituais Arara, que manifestam a razão de suas cerimônias como para "*trazer filhos*". Somam variáveis que não podem ser mensuradas de forma alguma.

> *Quase perdi minha mulher para aquele homem.*

Assim se dirigiu um Waimiri-Atroari que voltava de uma festa de criança [...]. Nas maryba os arranjos matrimoniais são traçados para os solteiros e viúvos, a afinidade é atualizada e as alianças políticas reiteradas. Contudo, o risco ressaltado pelo informante de Silva também está presente. As festas, diz um Waimiri-Atroari a Baines são:

> *Boas para comer, beber e namorar...*

Mas não exclusivamente entre os solteiros, elas instauram certo "*relaxamento criterioso entre os casais casados*" Novos arranjos matrimoniais, não raro, se estabelecem após as festividades.

E, talvez menos explicitamente que os rituais Arara, que manifestam a razão de suas cerimônias como para "*trazer filhos*", muitas crianças são "*fabricadas*" durante os rituais Waimiri-Atroari.

Contudo, as "*crianças nascidas nos meses subsequentes adquirem outros pais biológicos, tantos quanto tiverem sido os parceiros eventuais de suas mães*".

Cada nova festa, portanto, opera um rearranjado do parentesco, inflete completamente as possibilidades de classificações disponíveis dos parentes do bebê que virá.

Tal viés totalmente oposto ao nosso modo de pensar a concepção – afinal, estamos acostumados à naturalidade da relação: uma pessoa dois pais, cada qual de um sexo, inequivocamente – nos coloca desconfortáveis diante do fato de que para estes índios os:

> *Filhos de um mesmo casal não necessariamente classificam os demais membros do aglomerado da mesma maneira, como seria de se esperar.*

Nestas festas, desse modo, o socius, as relações e as pessoas Waimiri-Atroari são produzidas. (MATAREZIO FILHO)

MATAREZIO FILHO, Edson Tosta. **Ritual e Pessoa Entre os Waimiri-Atroari** – Brasil – São Paulo – Universidade de São Paulo, 2010.

PROGRAMA WAIMIRI ATROARI
Convênio FUNAI/ELETRONORTE

REGISTRO ADMINISTRATIVO DE NASCIMENTO DE ÍNDIO N^{O}. 181

Em **01** de **julho** de **1947**

Nasceu na aldeia, **Xara (antigo)**. Terra Indígena Waimiri Atroari no Estado de **Roraima**, do sexo **masculino**

Nome **Wanaby Raimundo Atroari**

pertencente a etnia Waimiri Atroari, filho (a) do Papa iety (Nome do Pai), **Iarymaky Atroari**. Tendo como maikehe Iaty (Nome do avô paterno): **Kaapy Atroari** e Ikehe iety (Nome da avó paterna): **Kokyxi Atroari** e Mama iety (Nome da mãe) **Wawa Atroari**. Tendo Como maikehe iety (Nome do avô materno): **Krywana Atroari** e Ikehe iety (Nome da avó materna) **Awasyna Atroari**

Testemunhas:

PODER JUDICIÁRIO
3ª VARA DA JUSTIÇA FEDERAL NO AMAZONAS

AÇÃO CIVIL PÚBLICA N° 1001605-06.2017.4.01.3200
Requerente: Ministério Público Federal e outro
Requerido: União e outros

TERMO DE AUDIÊNCIA

Aos vinte e sete (27) dias do mês de fevereiro de dois mil e dezenove [...]

 # Informante Pa'rany Tomoso Atroarí #

[...] Tradutor:

O nome da minha aldeia é Kamaa. Esta aldeia dele ficava próxima da estrada em Roraima. [...]

Tradutor:

Antes da estrada nós era saudável, tranquilo e não tinha tipo de perturbação, antes de chegar a BR-174. [...]

Tradutor:

A estrada passou também onde a gente fazia nosso roçado e também aonde a gente utilizava para caçar e a colheita. [...]

Tradutor:

Ele relata, logo passou a BR-174, aí um grupo atacou a aldeia dele. [...]

Tradutor:

Então, esse caso dele logo que passou a estrada atacou a aldeia dele. [...]

Tradutor:

O que ele fala, que eram invisíveis, a gente não via, mas a gente via que tava envenenado, o que ele coloca também o que nós chamamos de maxi, veneno né. [...]

Tradutor:

Ataque terrestre. [...]

Tradutor:

Também, ele não sabia a quantidade de pessoas porque a gente não via eles, era muita gente a gente não via eles, eles ficava assim escondidos, a gente só sabia que existia Kamña naquele local ao redor da maloca. [...]

Tradutor:

Então, a primeira pessoa ele viu aí depois dessa pessoa foi ataque, também ele fala, afirma também que esfaqueou um Kamña. Ele não viu assim, era de noite e depois disso aí veio mais ataque pra aldeia dele. [...]

Tradutor: (09:11) ([26])

Mais de um, ele fala que é mais de um. [...]

[26] O tradutor responde sem consultar o informante. (Hiram Reis)

Tradutor:

Segundo ataque foi na Kamaa. [...]

Tradutor:

Só para esclarecer, além desse aí só aconteceu nessa aldeia, pra onde ele voltou não aconteceu. [...]

Tradutor:

No Kamaa, não. [...]

Tradutor:

Então isso aí ele não viu o trator passando por cima do roçado e ele não sabe o que que é. [...]

Tradutor:

Ele chegou depois das mortes. [...]

MP:

E ele sabe se era morte do que, por quê? Se era muita gente?

Tradutor:

Nesse local só morreram duas pessoas.

MP:

E ele sabe se eram mortes do que, por quê?

Tradutor:

Então, ele foi envenenado né, jogaram em cima dele, ele confirma isso ([27]).

[27] Se o informante não presenciou o ataque, como disse anteriormente, como ele pode afirmar que foram envenenados e que jogaram veneno em cima deles. Curioso, não? (Hiram Reis)

MP:

Ele sabe o nome das pessoas?

Tradutor:

Então é Comprido, nome da pessoa Comprido.

MP:

Comprido é a pessoa que era a grande liderança?

Tradutor:

Era grande líder dessa região. [...]

AGU:

Durante o depoimento, foi falado que um Kamña disse – "*Comprido sua criação está aqui*", eu queria saber como foi essa situação?

Tradutor:

Ele só entendeu porque ele se chamava Comprido, ele entendeu alguns nomes dos animais que eles chamavam. Então foi isso que ele entendeu.

AGU:

Então ele entendeu apenas o nome do Comprido e de alguns animais? Esta é a colocação? Além disso, eu gostaria de perguntar sobre o ataque da facada, foi uma pessoa que entrou na oca?

Tradutor:

Ele tá relatando que tinham muitos, mas só entrou um dentro da oca e depois que foi esfaqueado eles correram, ele ouviu barulho correndo. ([28])

[28] Impressionante, inacreditável, um único indivíduo armado de faca coloca um grupo de combatentes para correr. Tomoso deveria ser indicado para Guinness World Records. (Hiram Reis)

AGU:

Pode descrever como essa pessoa era, se portava arma de fogo, como se vestia, como falava, o rosto como era? Um pouquinho mais de detalhe, por favor.

Tradutor:

Ele tá relatando que não deu pra ver porque na escuridão não deu para ver bem a pessoa, ele tava dentro da aldeia, da oca, e as pessoas ficavam de fora, isso que ele está relatando.

AGU:

Sobre o ataque com cassetete, foi durante o dia, foi durante a noite?

Tradutor:

Por favor, não entendi a pergunta.

AGU:

Ele relatou no depoimento que a esposa dele estava com um porrete, um cassetete. Eu queria saber em que momento foi, como foi, durante o dia, durante a noite?

Tradutor:

Foi madrugada, não sabe qual horário, foi de noite.

AGU:

[...] Essa facada e a pancada na cabeça foram em quais aldeias e em quais situações? Foram perto, foram em outras oportunidades?

Tradutor:

Ele era uma pessoa de levar recado pras aldeias, um mensageiro, vamos dizer assim, no decorrer disso acontecia isso. Isso que ele falava. [...]

Tradutor:

Então ele não presenciou, só chegava depois que tinham morto, as pessoas essa da facada ele chegou a mesma coisa, ele chegava e já estava acontecendo, já tinha acontecido né. Ele não chegava a presenciar o ataque. [...]

Tradutor:

Ele só presenciou uma, que essa que ele tá afirmando que naquele tempo não tinha lanterna, não tinha nada isso que ele presenciou um, esse que entrou e esfaqueou quando ele entrou na oca.

AGU:

Só para constar, ele não avistou ninguém, não sabe caracterizar ninguém, no caso, que proferiu o supôsto ataque.

Tradutor:

Ele não viu direito, não deu para descrever nada. [...]

Tradutor:

Ele refere não índio que fez esse ataque na nossa população. [...]

Juíza:

O sr. pode perguntar para ele se ele sabe dizer, quem era esse não índio? Ele sabe identificar esses não índios de todos os ataques, a quem ele atribui? [...]

Tradutor:

Ele não sabe dizer exatamente qual era a pessoa, como era, quem era ele não sabe dizer isso. [...]

Tradutor:

Ele, na nossa cultura, ele tá falando, queimamos nossos parentes assim, pessoas normal, sem esse tipo de acontecimento, se morrer natural a gente queima, é queimado. Isso é da nossa cultura. [...]

PROGRAMA WAIMIRI ATROARI
Convênio FUNAI/ELETRONORTE

REGISTRO ADMINISTRATIVO DE NASCIMENTO DE ÍNDIO Nº. 229

Em 01 de Julho do 1951

Nasceu na aldeia, Abonari (cabeceira). Terra Indígena Waimiri Atroari no Estado do Amazonas, do sexo masculino

Nome Pa'rany Tomoso Atroari

pertencente a etnia Waimir Atroari, filho (a) do Papa iety (Nome do Pai), Ewepe Atroari. Tendo como maikehe

Iaty (Nome do avô paterno): _____ e

Ikehe iety (Nome da avó paterna): _____ e

Mama iety (Nome da mãe) Ketamy Atroari. Tendo

Como maikehe iety (Nome do avô materno): Sekwa Atroari e

Ikehe iety (Nome da avó materna) Ketamy Atroari

Testemunhas:

_____

_____

 # Circo de Horrores – 27.02.2019 #

Pela linguagem do corpo, você diz muitas coisas aos outros. E eles têm muitas coisas a dizer para você. Também nosso corpo é antes de tudo um centro de informações para nós mesmos. É uma linguagem que não mente […]
(O Corpo Fala – Pierre Weil e Roland Tompakow)

Fui convidado, pelo Gabinete do Comandante do Exército, a integrar, como "*Assistente Técnico*", a equipe da Assessoria Jurídica do Comando Militar da Amazônia (CMA) em defesa da União contra uma ação movida pelo Ministério Público Federal que acusa as Forças Armadas de massacre do povo Waimiri-Atroari. Mais uma pantomima orquestrada pelos órfãos do muro de Berlim, que não se preocupam em onerar os cofres públicos desnecessariamente, uma denúncia carregada de um viés puramente ideológico, baseado no testemunho de indivíduos inidôneos sem que sejam apresentadas quaisquer tipos de provas contundentes.

Um aparato enorme deslocou-se para a área da Associação Comunidade Waimiri-Atroari (ACWA), à margem direita do Rio Alalaú, já em Roraima, e antiga sede da Frente de Atração (FAWA), que na minha época (1982/83) era coordenada pelo Padre Giuseppe Cravero. Na mídia ali representada estava presente o jornalista Rubens Valente sua "*trupe*", do pasquim Folha de São Paulo, o recordista nacional em "*Fake News*" no Brasil e no exterior ([29]).

---

[29] A Folha de São Paulo noticiou, em 29.10.2018, citando uma "*fonte anônima", que se Bolsonaro "ajudar a derrubar Nicolás Maduro com uma intervenção militar, terá o apoio da Colômbia*". O governo colombiano imediatamente rebateu afirmando: "*O Ministério das Relações Exteriores, em nome do Governo da Colômbia, permite-se rechaçar e desmentir as versões que foram publicadas pelo jornal Folha de São Paulo no dia de hoje*". (operamundi.uol.com.br)

Família Reis e Silva em Visita aos WA (08.1982)

1. Kátia, esposa do Viana;
2. Ângela, filha do Viana (recém-nascida);
3. Neiva Maria, minha esposa;
4. Vanessa, minha filha primogênita (2 anos);
5. Daniella, minha filha n° 2 (8 meses).

Rubens Valente é autor de "*Os Fuzis e as Flechas – História de Sangue e Resistência Indígena*" e jornalista da Folha de São Paulo, desde 2000, um representante da mídia totalmente "*isento*" para reportar os fatos. Antes do início dos trabalhos consegui fazer contato com o Viana, antigo Capitão da Aldeia Terraplenagem, para entregar-lhe algumas fotos dele, sua esposa Kátia e sua filhinha recém-nascida – Ângela, nos idos de 1982. O Viana, muito meu amigo, agradeceu emocionado e demonstrou certo constrangimento por tudo que estava acontecendo.

Cronologia Reversa

Minha filha Danielle, nascida no dia 08.01.1982, era mais velha uns 7 meses do que a Ângela, e aparece na imagem anterior, ao lado da Kátia e da Ângela e perguntei ao Viana quando sua filhinha tinha nascido e ele afirmou que tinha sido em julho de 1981.

A dificuldade em estabelecer marcos temporais dentro de um contexto histórico sempre foi uma característica bastante marcante entre os WA.

Tradutores (???)

A maioria dos "*informantes*" solicitou o apoio dos intérpretes para que lhes traduzissem as perguntas feitas pelos advogados e suas repostas aos mesmos. É interessante verificar que nos idos de 1982/3 eu conversara com alguns deles sem ser absolutamente necessária a participação de qualquer intermediador. Contrariando todos os prognósticos teriam meus amigos, depois de quase quatro décadas atrofiado sua capacidade cognitiva?

Wanaby Raimundo Atroari que havia respondido, sistematicamente, às perguntas, antes mesmo que se fizesse a devida tradução, sentou-se atrás de mim, depois de sua oitiva, e me narrou com detalhes os problemas de saúde enfrentados pelo do Presidente da Associação Waimiri-Atroari – Mário Parwe, depois de um acidente automobilístico, levantei-me, imediatamente e chamei Mário convidando-o para conversar do lado de fora da maloca, e ele me confidenciou que sentia muita dor de cabeça e tinha o abdômen inchado, mas que tinha receio de procurar os médicos com medo de que precisasse se submeter a alguma cirurgia.

Capitão Viana (27.02.2019)

"Amigos" Waimiri-Atroari (27.02.2019)

Explosão de Napalm na Indochina, 1953

Aeronave Americana com bombas de Napalm

Contei-lhe de meu acidente, em 1985, no Rio de Janeiro e das onze cirurgias reparadoras a que tive de me submeter, abri a camisa e mostrei-lhe a enorme cicatriz da laparotomia a que tinha me submetido. Deixei meu telefone com ele, caso mudasse de ideia tenho certeza de que nossos médicos militares poderiam atendê-lo ([30]). O Mário, visivelmente emocionado, e dois jovens WA que o cercavam, quase às lágrimas, agradeceram-me. Tenho absoluta certeza de que os militantes esquerdistas farão de tudo para que ele não aceite minha oferta, mesmo que isso venha a comprometer seriamente a saúde do líder WA.

Conheci, nos idos de 1982/83, cinco dos seis "*informantes*" que já naquela época falavam fluentemente o português e que agora "*precisavam*" de "*tradutores*" para expor suas ideias. Só este fato deveria bastar, por si só, para rechaçar a idoneidade desses controversos testemunhos.

---

[30] O próprio comandante do CMA, mais tarde, cientificado do problema garantiu isso. (Hiram Reis)